

APROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

INFORMAÇÃO .. CULTURA .. RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467

MONTIJO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENT

A NOSSA MENSAGEM

As folhas do calendário de 1956, desfolhadas uma a uma, vão cair para sempre. Em seu lugar, surge-nos agora intacto o calendário de 1957, a oferecer ao indivíduo, através dos seus 365 dias, a incógnita de muitos anseios, de muitas ilusões.

No curto balanço de um ano nem sempre é fácil oferecer ao leitor uma resenha dos acontecimentos mais notáveis, observados durante tal período. Com a preocupação de revelar certos factos olvidam-se por vezes outros merecedores também de pública citação.

Uma coisa, porém, ficou bem demonstrada durante os últimos meses de 1956: o perigo de uma nova guerra!

Com efeito, não obstante as boas intenções de alguns políticos, que bastas vezes deram ao Mundo o exemplo da sua honestidade, as sombras da destruição pairam de novo sobre nós como triste sinal dos tempos.

Não sabemos, ninguém sabe, afinal, o que será o dia de amanhã. O ano de 1957 nasce assim rodeado de uma atmosfera fria, inquietante, que tolhe os espíritos mais animosos.

E' certo que hoje, em boa consciência, ninguém deseja a guerra. Mas nunca se sabe até onde pode chegar o atrevimento, a insensatez de certos políticos menos escrupulosos que fazem da diplomacia, não a arte subtil do convívio pessoal e uni-

versal mas um jogo traiçoeiro de palavras, de modo a confundir e a exasperar a paciência do mais calmo cidadão.

A diplomacia deixou de ser, hoje em dia, apanágio

Por

ÁLVARO PEREIRA

de indivíduos bem formados e bem educados, que primavam pela sua compostura e elevação, para se tornar, pelo contrário, elemento de discórdia, de ameaças, a procurar abrir caminho ao conflito, à provocação.

Chegou-se ao ponto em que os actos não contam. O que interessa acima de tudo e de todos são os objectivos. Para os alcançar recorre-se à violência e à atrocidade.

Já não se pretende convencer com a palavra, até porque a dialéctica tem bons esgrimistas. Chegou-se à triste conclusão de que as baionetas e os tanques são processo mais rápido, mais eficaz. Cremos, no entanto, que foi Talleyrand que disse que com as baionetas pode-se fazer tudo, menos sentarmo-nos nelas. Esta frase, proferida há muitos anos, tem hoje especial actualidade e devia servir para certas pessoas nela meditarem.

Não obstante, a força parece ter entrado no seu reino favorito a estabelecer o medo e o desânimo.

E' debaixo deste ambiente de inquietação que os homens responsáveis pelos destinos da humanidade vão procurar resolver os complexos e delicados problemas internacionais.

Ao lado de algumas consciências bem formadas, zelosas pela manutenção da paz do Mundo, está outra súpica de oportunistas à espreita de cobiçar o lugar do vizinho, de forma a alargar o seu braço de ferro e fogo. A prudência e a calma são de aconselhar, mas elas têm limites que de forma alguma se podem confundir com a timidez ou a cobardia.

A vida faz-se com sacrifícios e às vezes com muito sangue; mas faz-se sobretudo com esperanças, com fé.

O sábio, o artista, todos aqueles, em suma, que trabalham livremente e livremente querem viver, necessitam da paz de espírito para poderem criar as suas obras e prosseguirem nos seus trabalhos.

Nunca ninguém produziu obra de génio tendo apontada ao peito uma baioneta ou sentindo, nas costas, o aço frio do punhal.

O espírito precisa de tranquilidade, de sossego, para poder exteriorizar os seus anseios.

Esta coisa anómala, absurda, de se criar sábios em série e espremer a sua ciência de modo a vertê-la de tantas em tantas horas, é tarefa insustentável e contra-productiva. O corpo pode ser sujeito a todas as normas, ainda as mais arbitrarias, mas o espírito não. E' a única coisa, afinal, que as balas não conseguem abater porque é o elo humano que não conhece a tirania nem a escravidão...

Um ano morre e outro nasce. Com o primeiro expiram as ilusões, com o segundo renascem as esperanças. E' dentro deste movimento de eclipse e de aurora que a vida do indivíduo se vai regulando num entusiasmo tanto maior quanto maior for a fé que o domina.

E' dentro ainda desta fé que vamos dar início a mais um ano de trabalhos. E' certo que não esquecemos a dor nem o sangue que corre por algumas ruas dessa Europa martirizada, cujas crianças, filhas de homens escravizados, andam perdidas pelo Mundo a suplicar a

(Continua na página 4)

ANO DE 1957, — NOVO ANO!

Nós te saudamos

Como jornalistas e como homens, temos obrigação de te saudar.

És mais uma esperança que nasce, e, como lá dizia o poeta:

— *Sómente vive de esperanças*
O povo de Portugal!

E daí, — quem sabe? —, talvez sejas tu aquele por quem

sem deixar grande saudade, — Desilusão que passa!

Ano Novo, — caudal de promessas e de novas ilusões.

A Esperança volta a surgir dos escombros daquela Desilusão! Eis o futuro, — este que nos espreita e se



Eis o bebé que hoje nasce. Saudamo-lo, embora lhe achemos a olhar pensativo, de certa preocupação...

esperamos há longos tempos, — o ano da Paz e da Felicidade para todo o mundo.

O dia já se cognomina: da «Concórdia Universal», e pode muito bem ser que desta vez seja o início da era que ambicionamos...

Faz agora mesmo um ano que veio este que ontem acabou, — Mistério de então! Um ano depois, quando ele desapareceu para sempre,

faz, novamente, ponto de interrogação.

Oxalá que, nos tempos a decorrer, se não transforme em ponto de exclamação...

O nosso desejo, a nossa maior aspiração é a de que 1957 seja um ano ditoso para todos, trazendo no seu ventre a acalmia das paixões humanas, o bom senso tão arredo, a tranquilidade uni-

(Continua na página 4)

Ano Novo Ideia velha

Ano Novo! Ano Novo! — uma esperança
A mais, que nasce e nos seduz, enfim!
Brinquedo para vós, — gentil criança!
Palhaço, barco, bóia de marfim...

No mundo inteiro já ninguém se cansa
A procurar saber principio e fim
Da complicada e vária contradança
Que gira dentro em ti e dentro em mim!

Gozar! Gozar! Folgar intensamente
Enquanto a vida passa lestantemente,
Enfestada de loucas ambições!

E assim vamos vivendo, muito embora,
E assim vamos vivendo campos fora,
— Porque o Homem só vive de ilusões!

ÁLVARO VALENTE

POR TERRAS GALEGAS

A todos os meus companheiros de viagem CORUNHA E ORENSE

XII

Estávamos na hora da partida. Eu ia deixar a Corunha com imensa pena e levava comigo a tristeza de não a ter bisbilhotado como era meu desejo. Nunca poderei esquecer a terra de luz e cor que mais me impressionou, nesta viagem relâmpago por Galiza e suas maravilhas.

— *Adiós, Corunha! Cer-tamente... hasta siempre!*

E lá fomos, e lá partimos. O tempo melhorara um pouco. As nuvens negras tinham-se afastado e formavam ao longe bambinelas que franjavam a paisagem.

A animação no autocarro continuava. A cantoria, as castanholas, as gargalhadas animavam os circunstantes.

Já se contam anedotas da própria viagem.

Esta, por exemplo: — Um dos excursionistas estava desesperado porque, tendo um incómodo intestinal, fora a três ou quatro Cafés em Vigo para lhe fazerem chá e não o conseguira. E acrescentava que parecia mentira, numa cidade daquelas, não haver chá nos Cafés. Alguém lhe perguntou: Mas como é que você pedia? Ao que o queixoso respondeu: *Pedi chá, disse que queria tomar chá.* Ao que o outro retorquiu: Assim ninguém sabia, é claro. Se você tem pedido té, logo lho serviam. E o queixoso teimando: Ora, ora. Na minha terra toda a gente sabia o que eu precisava...

E assim se iam passando os 172 quilómetros que faltavam para Orense.

Como já tínhamos almoçado (?) na Corunha, não tivemos que o fazer em Lugo, para onde ele estava marcado no itinerário. No entanto, parámos meia hora para descanso das pernas e para pequena distracção.

Entrámos num estabelecimento para qualquer compra. Falámos no nosso espanhol corriqueiro, e logo o dono nos responde em bom português: — Falem a nossa língua que eu também sou de Portugal! Foi nova alegria, — aquela mesma alegria que sentimos sempre que encontrámos compatriotas nesta viagem.

— Lugo, antiga cidade, capital romana da antiga Galiza, situada no alto Minho, tem para ver o Museu e a Catedral.

Não há tempo para tanto. Meia hora não chega para

encontrar os dois edifícios, quanto mais para os visitar.

Por informações soubemos que o Museu estava situado nos baixos da Deputação Provincial, e que se compunha de séries pré-históricas romanas, medievais e muitas

Crónicas e Reportagens
por
ÁLVARO VALENTE

obras modernas, de pintura, escultura, numismática e arqueologia.

A Catedral, com formoso pórtico românico do norte (que ainda vimos), possui um belo claustro, duas capelas fora do corpo da igreja, fachada neo-clássica com duas torres, e outra torre independente na fachada oposta.

Quase à partida ainda notámos que a cidade está rodeada por fortes muros de fundação romana, (segundo me disseram, num perímetro de mais de dois quilómetros), com quatro metros de grossura e robustos cubos mofedidos. Estes cubos, consoante me informaram também, alçavam-se em torres altas, em número de oitenta, e aí se albergavam as gentes de armas para a defesa contra os muçulmanos. Aqui e ali, algumas portas, sendo a mais curiosa a de Carmem, ao fim da rua da Tineria.

E pronto. Vamos embora que já é tarde e o tempo parece outra vez embrulhar-se.

Passámos a Chantada e chegámos a Orense em pleno inverno!

A chuva cai em catadupas. Que estúpido tempo que não nos larga!

Parámos em frente duma Pensão, mas não pudemos sair por causa do dilúvio.

Numa «aberta» conseguimos transpor a distância do autocarro à tal Pensão em frente.

«Pensão» lhe chamaram; mas, com franqueza, nem as piores do nosso País fariam má figura perante aquele enxovedo!

Não havia, porém, que recalcitrar. Era noite, a fome apertava, a chuva continuava e não havia que escolher.

Só o jantar que se seguiu, dava para uma crónica!

Sob o olhar inquisitorial duma criada com aspectos de *carabinero*, chupámos qualquer coisa a que chamaram «sopa», e depois o «célebre ovo estrelado», e outra coisa mirabolante e mefistofélica!

Ao nosso lado, um rapaz português, que ali encontramos em vilegiatura, cortava no prato um pedaço de pão e comia como se fosse carne!

(Continua)

Telefone 036 576

Dura boas Fotografias
Foto Montijense

MONTIJO



Atenção ...

Cães na estrada

Por Aníbal Anjos

São Luís Gonzaga amava os animais, e sobretudo os cães que, lambendo-lhe as chagas, lhas ajudaram a sarar. Porisso, Ele é ainda, alguns séculos volvidos, o seu patrono, tal como São Cristóvão o é dos automobilistas.

Eis, a traços largos, dois patronatos que, em campos talvez um pouco antagonicos na hora que passa, se irmanam e se confundem num paralelismo que desconcerta.

Quem deambular pelas ruas e pelas estradas verificará este antagonismo desconcertante de factos opostos.

«Regarde Saint Christophe et va-t-en rassuré» (olha São Cristóvão e vai descansado) diz a medalha dos automobilistas.

Em compensação os devotos de São Luís Gonzaga nutrem um amor sem limites pelos animais, algumas vezes vítimas dos devotos de São Cristóvão, que o são também, largas vezes, amigos dos animais.

Ainda não há um ano, vindo eu do Alentejo, por onde corri Seca e Meca, ouvi dizer ao motorista do autocarro em que viajei através dessa bela «charneca em flor»: — Para nós, motoristas, os cães constituem um problema da estrada. Todos os cuidados são poucos.

A meu ver, tal como os peões, o problema dos cães na estrada, e nas artérias das cidades, apresenta-se-nos quase como insolúvel. Se é verdade também que há motoristas e automobilistas descuidados, há também casos de atropelamentos de racionais ou de irracionais, dos quais os tripulantes dos veículos motorizados não são culpados. Seja como for, é sempre lamentável quando tal sucede.

A talhe de foice, respigamos dum prospecto distribuído pela União Zoófila, um artigo traduzido pelo seu Dig.^{mo} Presidente e nosso amigo o sr. Carlos Gomes da Costa, que com a sua autorização, a do próprio autor Mr. Richard Joseph e do «Readers Digest» simboliza a «série negra» dos animais na via pública, em qualquer parte do mundo: **AO HOMEM QUE MATOU O MEU CÃO.**

«É muito possível que você tivesse qualquer assunto importante a tratar quando,

na noite de terça feira, passou na estrada como uma seta, no seu carro. E é possível também que hoje estivessemos mais bem dispostos se pudessemos imaginar que você era um médico que ia acudir a um parto ou aliviar os sofrimentos de alguém. A vida do nosso cão em troca do alívio da dor de outrem talvez atenuasse o nosso desgosto. Mal tivemos tempo para ver a sombra negra do seu carro e as luzes traseiras saltitantes, mas já sabíamos o bastante a seu respeito, para não ticarem dúvidas sobre o que se passou.

Você viu o animal, pisou o travão, sentiu uma pancada surda, ouviu um gano e seguidamente o grito de minha mulher.

Os seus reflexos são bons, visto que tornou a carregar no acelerador para fugir depressa dali.

Quem quer que você seja, não deixa de ser um matador. E nas suas mãos, a avaliar pela maneira como conduzia o carro na terça feira, esse carro é uma arma assassina.

Você não se deu ao incómodo de olhar e por isso vou esclarecê-lo a respeito da pancada surda e do gano. Trata-se de Vicky, um cachorrinho «basset» de 6 meses de idade, branco, com melhas castanhas e pretas. Um aristocrata com 12 campeonatos entre os antepassados. Mas fazia bobices e correrias, amava a gente crescida, as crianças, e os outros cães, como qualquer rafeiro.

Tenho pena que você não estivesse ali para ver o lindo serviço que fez, embora o cão moribundo à beira duma estrada não seja espectáculo muito agradável à vista. Em menos de dois segundos você transformou um ser vivo, que era belo, quente, limpo, macio, e encantador, em qualquer coisa de ascoroso, feio, num objecto desconjuntado e sangrento.

Só peço a Deus que ao atropelar o meu cão tivesse sentido por um momento a impressão mortal, a angústia que começa na garganta e se comunica até o estômago: uma agonia que nos atormenta desde aquela noite. E que você sinta essa mesma impressão sempre

(Continua na página 7)

PASTELARIA MIMOSA

DE

João Gonçalves Palmeiro

Deseja a toda a sua distinta clientela muito Boas Festas e um Novo Ano repleto de venturas.

Salão de Chá
Fabrico Próprio

Rua Almirante Reis, 51
Telef. 026 3 94 — MONTIJO

Salão Amélia

Rua José Joaquim Marques, 45
MONTIJO

Apresenta às suas Ex.^{mas} Clientes e amigas muito Boas Festas e votos de um Novo Ano cheio de venturas.

Farmácia União Mutualista N.º S.º da Conceição

Director Técnico: — Júlio C. da Silva Curado

Rua Almirante Reis, 93 MONTIJO

Cumprimenta e deseja a todos os seus clientes e amigos Boas Festas e Novo Ano cheio de venturas.

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Montijo, 2 - Olivais, 1

Equipas:

Desportivo — Redol; Valentim e Anica; Neto, Manuel Luís, Serralha; Barriga, Veredas, João Mário, Mora e Ernesto.

Olivais — Silva; Negrita e Pais; João Maria, Fernando Paiva e Gomes; Mário Silva, Antonete, Gonçalves, Casimiro e Artur.

Árbitro — Pinto Coelho, de Faro.

Campo — Luís Almeida Fidalgo, em Montijo.

La dando muito que fazer ao Desportivo, este encontro. O jogo decorreu com certa monotonia e com acentuada baixa de valor da turma montijense.

Não obstante a vitória, a verdade é que o Desportivo esteve outra vez abaixo das suas possibilidades e das anteriores exhibições, com excepção da de Coruche.

Não sabemos se a convicção da fácil vitória para tanto concorreu. O que sabemos, é que até Redol, até Neto, até Serralha estiveram inferiores ao habitual.

O «score» a favor do Desportivo não nos convenceu.

Gostámos que vencesse, — somos montijenses! —; mas também gostávamos de o ver em boa forma, fazendo futebol de eleição, e isso é que não vimos.

O golo dos Olivais conseguiu espertar os nossos, tanto mais que nele tiveram culpa. Os olivalenses, porém, espertaram ainda mais, sucedendo-se as avançadas e os lances perigosos.

Se os dianteiros dos Olivais soubessem aproveitar

algumas ocasiões que se lhes depararam, com a colaboração eficiente dos médios, o resultado do prélio seria, certamente, muito diferente.

Os golos foram marcados por Veredas aos 18 minutos e por João Mário aos 20; o

de Gonçalves, dos Olivais, aos 30.

A arbitragem sem novidade.

E vamos ainda na esperança: na esperança de melhores dias e de melhor futebol.

Vai agora o Desportivo em 3.º lugar com 23 pontos, indo o Olhanense em 2.º com igual número, e o Farense em 1.º com 27.

Não desanimemos ainda, e avante

João di cá

Basquetebol

Montijo, 33 - Seixal, 47

Jogo disputado no Montijo, no passado domingo, dia 23, e a contar para o Campeonato Regional.

Sob a arbitragem dos srs. Frederico Sobral e Berardo Soeiro as equipas alinharam:

Montijo (15 cestas e 4 lances livres transformados em 20 tentados) Barreiras (4), Elisiário (6), Luciano, Pinto (8), Teodemiro (12), Ilieitor (2) e Américo (2).

Seixal (19 cestas e 9 lances livres transformados em 24 tentados) Pires (9), Lopes (11), Santos (13), Próspero (10), Carvalho e William (4).

Ao intervalo 18-22. Não foi a melhor, a prenda de Natal que a equipa do C. D. M. ofereceu aos adeptos montijenses da modalidade.

Foi pena, realmente, porque se a vitória tem aparecido, nesta quadra festiva porque se passa, teria um sabor muito especial.

Mas, a equipa não jogou para isso, devemos dizer.

O jogo confuso, incaracterístico, impensado, existiu e, como tal, emoldurou a manhã de domingo no Campo de Basquetebol do C. D. de Montijo.

Não se julgue, porém, que tal só sucedeu a Montijo. Não. O Seixal também jogou mal. A exhibição, quando na sua terra, não foi repetida. Valeu-lhes o melhor aproveitamento de lançamentos de um dos seus jogadores para conseguirem o triunfo final.

Foi enfim, uma má jornada, para

ambas as equipas, apesar de a uma delas ter sorrido a vitória.

Com isto sintetizámos o decorrer do encontro.

Resta-nos apontar que a melhor exhibição verificou-se na equipa de arbitragem. Congratulamo-nos pelo facto.

Em reservas entre os mesmos clubes, o Seixal marcou falta de comparação.

Luciano Mocho

Agradecimento

Mariana da Piedade

Seus filhos, netos e bisnetos, agradecem reconhecidamente a todas as pessoas que acompanharam a última morada a sua chorada mãe, avó, e bisavó. E pedem desculpa por não poderem agradecer doutra forma devido ao desconhecimento de moradas.

António Leonardo da Silva

(CAMBITA)

Realizou-se, no dia 30 de Dezembro, o espectáculo em homenagem a este antigo e valioso amador teatral, de Montijo.

A frequência foi grande e o espectáculo decorreu com o maior êxito.

Congratulamo-nos com estes factos, pois António Leonardo da Silva tudo merece. Fazemos sinceros votos pelas suas melhoras e possível restabelecimento.

Simplemente, não compreendemos por que o nosso jornal não foi ouvido nem achado nesta obra de beneficência, para a qual concorreria com a melhor vontade se fosse para tanto convidado.

Até a infelicidade alheia serve para habilidades e para manobras de bastidores...

Obras de Alvaro Valente

— «Eu», livro de sonetos, esgotado; «Daqui...fala Ribatejo», contos monográficos, 30 escudos; «Pedagos deste Ribatejo», folclore e costumes, 30 escudos; «A minha visita ao museu de S. Miguel de Ceide», folheto, 5 escudos; «Hino a Almada», em verso, 10 escudos; «Grades Eternas», estudos sociais, 15 escudos; «Vidas Trágicas», romance, 15 escudos; «Viagem de Maravilhas», reportagem, 20 escudos.

Pedidos à Redacção de «A Província».

Concurso de Prognósticos de Futebol

Cupão N.º 14

Acertaram em 10 resultados 5 concorrentes:

Francisco Peres, Eduardo Marim, Alexandre Pires, de Montijo; António Baptista Fortes, de Seiúbal; e Artur Marques Tavares, de Conha, aos quais vão ser entregues os prémios

Prémios para o cupão n.º 17

Aos que acertem em todos os resultados

1.500\$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado

Aos que acertem em maior número de resultados

Lanternas eléctricas de algibeira (sem lâmpada e sem pilha), mais uma oferta da **SETEL**, a maior casa em artigos eléctricos em Montijo.

Habilite-se neste grandioso concurso que «A Província» lhe proporciona

CORTE POR AQUI

CUPÃO N.º 17

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

1.ª Divisão		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Sporting	Porto	Farense	Montijo
Benfica	Cuf	Coruchense	Portimone.
Académica	Caldas	Juventude	Olhanense
Torreense	Belenenses	Almada	Montemor
Barreirense	Atlético	Olivais	Portalegre
Setúbal	Oriental	Beja	Estoril
Covilhã	Lusitano	Arroios	«Os Leões»

Nome

Morada

Localidade

«A Província» Cupão N.º 17

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 13

REBELO & REBELO

Negociante de Lenhas de todas as qualidades. Madeiras para a Construção e Exportação, Cortiças, etc. Camioneta de Aluguer.

Rua Nascente do Parque
Telef. 026441 — MONTIJO

Deseja a todos os seus clientes e amigos muito Boas Festas e Novo Ano repleto de prosperidades.



TELEVISÃO

Agente:

A. Ventura & Filho, L.ª
R. Guerra Junqueiro, n.º 4
Telef. 026495 MONTIJO

SANFER, L.ª DA

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

MONTIJO, Rua da Bela Vista

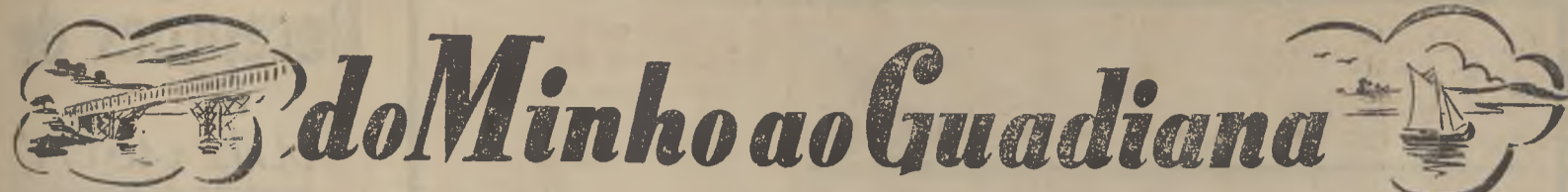
AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM



do Minho ao Guadiana

BAIXA DA BANHEIRA (ALHOS VEDROS)

— *Transportes Colectivos do Barreiro* — No p. p. dia 20 do corrente, entrevistámos o sr. Eng.º José Alfredo Garcia, ilustre Presidente do Concelho de Administração da Câmara Municipal do Barreiro, que muito amavelmente teve a gentileza de nos receber no seu gabinete.

Depois de solicitarmos alguns elementos acerca desta importante organização, prontamente nos declarou o seguinte:

— Temos em montagem nas oficinas da UTIC, em Lisboa, 5 autocarros, que transportarão de 50 a 60 passageiros (sentados e de pé); dois dos quais já muito adelantados, contamos nos sejam entregues durante este mês, para que a primeira carreira seja lançada nos primeiros dias de 1957. O itinerário das ditas carreiras está previsto entre Barreiro - Palhais - Coia - Penalva - Santo António da Charneca - Barreiro - Lavradio - Baixa da Banheira - (limite do Concelho) e volta.

Quanto a horários, preços, e outros elementos mais, também nos informou; mas por absoluta falta de espaço, só num dos próximos números nos será possível referirmos mais desenvolvimento desses assuntos.

— *Nova paragem da Transportadora Setubalense* — Além das duas paragens que já existiam nesta localidade, esta importante empresa acaba de mandar colocar mais uma tabuleta indicatória: «Paragem Belo»,

frente à casa de vinhos «Estrela do Bairro». Estamos de acordo e muito bem assim, com esta nova resolução, se bem que as circunstâncias há muito o exigiam. O que não estamos agora e desde principio, de acordo, é que aos passageiros que se utilizam dos competentes meios de transporte de Montijo para Baixa da Banheira, lhes seja cobrado o respectivo bilhete até Lavradio, ficando a aproximadamente 2 kms. (apeando-se à 1.ª paragem). Outro tanto sucede a quem se utiliza dos mesmos, vindo do Barreiro, pois lhe é cobrado também o bilhete até Alhos Vedros! Não seria possível estabelecer-se uma nova zona nesta localidade? A respectiva empresa, ou a quem de direito, pedimos as necessárias providências, a bem do público.

— *Aniversário Natalício* — Em 21 do corrente, completou o seu 38.º aniversário natalício, a sr.ª Luisa Cristeta Nunes Aleixo, dedicada esposa do correspondente de «A Província» nesta localidade. Muitos e muitos parabéns.

— *Notícias Pessoais* — Quando da minha passagem em 16 e 17 do corrente, por Pégões-Cruzamento, tive o prazer de ser cumprimentado pelos srs. António Dias, António Feijão, e Manuel António Barreto, nossos dedicados assinantes naquela localidade. Muito gratos. — (C.)

ALCOBAÇA

Temos por certo que todos os leitores de «A Província», têm ouvido falar de Alcobaça, e alguns haverá que conheçam até pormenorizadamente a monografia desta terra tão mimosa e hospitaleira.

Certamente, serão também muitos os que já por aqui têm passado, mas outros haverá que ainda não saborearam tal oportunidade. É, pois, para estes que coligimos alguns apontamentos, com os quais iniciamos a nossa missão nesta tribuna.

Situada no topo norte da província da Estremadura, Alcobaça é um centro agrícola, industrial e turístico de grande nomeada. Conta cerca de 5.000 habitantes, é sede de concelho de 1.ª ordem e comarca de 2.ª classe.

O principal motivo de interesse para os turistas de todas as nacionalidades, é sem dúvida o famoso Mosteiro, de traça cisterciense, começado a construir no reinado de D. Afonso Henriques.

Trata-se de facto dum conjunto verdadeiramente empolgante: A fachada, a igreja, o claustro, a cozinha, o refeitório, o dormitório e as demais dependências, tudo é admiravelmente proporcionado, tudo é profundamente evocativo.

Não será novidade dizer que muito teremos para contar acerca deste monumento — e também acerca da região alcobacense, suas belezas, suas aspirações e necessidades.

Contudo, por hoje, queremos aproveitar o espaço que nos resta para agradecer ao

Ex.º Director de «A Província» o carinho dispensado à nossa terra e a gentileza com que nos distinguiu. Paladino de todos os grandes ideais, o Sr. Álvaro Valente é um devotado amigo da sua terra, da nossa terra, de toda a terra portuguesa. Recordamos efusivamente a sua presença em Alcobaça quando do cinquentenário da nossa Corporação de Bombeiros, e é com íntima satisfação que, volvidos muitos anos, sabemos ter optado pelos ares desta região para as suas retemperadoras vilegiaturas.

Por tudo, pois, aqui lhe expressamos o nosso sincero agradecimento. — (C.)

Dr.ª Perpétua de Vilhena

CLÍNICA DE BOCA E DENTES

Consultas às: 3.ªs, 5.ªs, e Sábados.

— Preços de Policlínica —

Rua Ivens, 26 - 1.º

Telef. 25626 = LISBOA

João Uva Sancho

Compra e venda de Cortiças no mato — Cortiças fabricadas e seus derivados.

Av. Luís de Camões

Tel. 026269 - MONTIJO

Cumprimenta e deseja a todos os seus clientes e amigos Feliz Natal e Ano Novo cheio de venturas.

Atenção ...

Cães na Estrada

(Continuação da página 5)

que pense em aumentar a velocidade do seu carro numa curva serpiginosa.

Porque, para a próxima vez, pode surgir-lhe um rapazinho de oito anos, vacilante na sua primeira bicicleta, ou ainda outro mais pequenino que se lembre de atravessar o portão e de correr para a estrada, enquanto o pai se detém para colher uma erva daninha, como aconteceu quando o meu cachorro se afastou de mim.

Ou talvez que você seja bem sucedido mais uma vez, matando outro cão e despedaçando o coração de outra família.

É pois, uma falta de civismo, senão de educação, quando um motorista deixa abandonado na via pública a sua vítima, quando devia recolher o animal atropelado e prestar-lhe os primeiros socorros, ou entregá-lo na esquadra mais próxima, ou ainda comunicar o facto a qualquer sociedade zoófila.

Seja como for, o caso de Vicky, se não é verdadeiro é simbólico pois, infelizmente, quantos casos destes não se dão pelo mundo fora?

E se São Luís Gonzaga amou os animais, porque não devemos nós seguir-lhe o exemplo olhando por eles em todas estas e outras emergências, tal como gostaríamos que o fizessem por nós?!

Aníbal Anjos

Amândio José

Carapinha

O cauteleiro das sortes grandes

Afonsoeiro — MONTIJO

Deseja a todos os seus Ex.ªs Clientes e amigos um Ano Novo cheio de notas de conto e muitas felicidades.

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

Ele não esperava aquela visita. Ficou varado! Lembrar-se-ia da Angélica, — capaz de o vir procurar para qualquer auxílio; lembrar-se-ia dalguma pobre velhota que viesse pedir lugar para o filho; mas nem por sombras se lembraria que a Ermelinda lhe aparecesse naquela figura, rota e ensanguentada, chorosa e espavorida, à hora do trabalho, comprometendo-o perante os que dirigia.

— Mas... Que se passou! Que te aconteceu? — perguntou de mau humor e antevendo grossa borrasca.

— Minha mãe pôs-me fora de casa... beteu-me... um inferno! Não posso voltar à terra... estou desgraçada pra sempre! Vim procurar-te pra me dizeres o que hei-de fazer. Não tenho ideia pra nada! Tem dó de mim...

Ele passara da surpresa ao espanto:

— Éssagora! Éssagora! E como queres que eu resolva um bico de obra destes, assim de pé para a mão? Mas como foi que ela soube, como chegou a esses extremos?

— Ora... Em terras pequenas tudo se sabe; a gente é que pensa que não. Foi ter comigo à Quinta Verde, entrou de me berregar más palavras, — é o seu comer — e vai ao resto, tanto me apertou, tanto me apertou que lhe disse tudo. Aqui tens... Venho a rogar-te, aparvalada.

— Sim, senhor. Arranjaste-la bonita! E eu agora que descalce a bota, não é?

— Mas inda não é só isso...

— Pois quê? Ainda há mais?

— Ando há dias pra to dizer... Calha agora. Mas isto é pra te alegrar... É que estou...

E assoprou-lhe o resto baixinho, ao ouvido.

— An? O quê? Éssagora! Ainda mais essa! Bonito! E é então para me alegrar? Olha que espiga!

E a gesticular e a grandes passadas, ia de lado a lado num desespero...

Ela ficara desapontada. Sempre julgara, na sua ingenuidade de simples aldeã, que ele gostaria da notícia e apressaria o casamento prometido... E, afinal, via que se enganara.

Ficara aborrecido, desesperado, como se fosse ela que lhe tivesse feito mal; e começava a suspeitar que era duvidoso tudo quanto lhe escutara nas entrevistas.

E enquanto ele continuava nas voltas e viravoltas, analisava ela a gravidade da situação:

— Escorraçada pela mãe, decerto desprezada pelo irmão, troçada pelas da sua igualha, — Rosária, Zulmira, Mariana e outras da sua criação —, posta pelas ruas da amargura no «Palonso», na Vinagreira», no «Pimpão», no «Jasuíno» e nos trabalhos, e se a pilhassem até corrida à pedra pelos cachopos, — o que ia ser da sua vida futura? E depois, mais ao diante, com o filho nos braços, — um empeço que nem a deixaria grangear o pão de cada dia...

E tudo porque acreditara nas cantigas e nas promessas falsas do «judas» que lhe aparecera, e também levada pelo desdém do Joanico e pela vaidade que a tolhara, como a nuvem cobre o sol e não o deixar ver...

— Que tolô que fora, nome da Benta Hora! —

Via agora claramente que a mãe tinha razão, que todos tinham razão. Ela desonrara a família e até o povo da sua aldeia!

E ao contemplá-lo, na zanga e fúria da deambulação, mais se acentuava a certeza do seu desastre:

— Ele já não gostava dela, — se é que alguma vez gostaria... Quisera mulher pró gozo, como os outros faziam desde que tinham chegado à terra e às obras, e mais nada! Satisfeito e farto, já não sabia como se livrar do caso, tanta se lhe deu como se lhe dava... Que desgraçada! Que desgraçada! Ela era um porco enxaguão, mais nicas...

(CONTINUA)

Notícias de HOLLYWOOD

■ William A. Wellman já iniciou os trabalhos de *filmagem* de «A Esquadilha Lafayette», com Tab Hunter, Etchika Choureau e William Wellman Jr., que encarna a personagem do seu próprio pai. Este *filme* baseia-se numa história de que William Wellman é autor e que se inspira em factos autênticos, vividos na primeira guerra mundial.

■ O *filme* em cinemascópio e em Warnercolor «Satellite in the Sky», que trata das futuras conquistas da barreira estratosférica, começa por uma profecia que data de há 400 anos. A profecia é de Nostradamus, que disse: «E o homem, tendo conquistado a terra, subirá ao céu... e chegará às estrelas». Lois Maxwell é a primeira actriz deste *filme*.

■ Natalie Wood não foi autorizada pelo estúdio que a tem sob contrato, a estreiar-se no teatro. Aquela actriz, que é um dos valores positivos descobertos nos últi-

PÁGINA DE CINEMA

Por António de Abreu

mos tempos por Hollywood, acaba de *filmar* «A cry in the night» e «The girl he left behind». Natalie Wood tem 18 anos de idade e deseja dedicar-se à vida teatral, embora sem abandonar o cinema.

A nova temporada em Paris

Ao mesmo tempo que o ano dos Festivais terminava no Lido, com um novo triunfo do cinema francês, os Campos Eliseos anunciavam a estreia das novas grandes produções cinematográficas, ansiosamente esperadas desde há meses, inaugurando assim uma temporada que promete ser brilhantíssima.

Um dos *filmes* cuja estreia estava rodeada da maior expectativa era «Gervaise», devido ao seu triunfo em Veneza; esta película foi apresentada, em exclusivo, em quatro cinemas de Paris, tendo o seu triunfo sido completo. Houve unanimidade quanto à qualidade geral da interpretação, assim como ao admirável trabalho do realizador, que nos deu uma das suas melhores obras.

A qualidade do estilo assegura também um verdadeiro valor a outras duas co-produções: «Grande-Rue» e «La mort en ce jardin», dirigidas, a primeira pelo jovem realizador espanhol J. A. Bardem, e a outra por Luís Buñel.

A cooperação internacional, cada dia mais intensa, complicará a tarefa aos historiadores, sendo, na realidade, o carácter das obras e a sua personalidade, mais ou menos forte do realizador, sobre que se basearão para classificar as ditas obras em determinada Escola.

Assim, por exemplo, não poderia pôr-se em dúvida a nacionalidade de «La traversée de Paris», outro dos *filmes* premiados em Veneza, e que serve de elo entre certa tendência clássica do cinema francês e um novo aspecto da nova temporada, há pouco começada.

Claude Autant-Lara marcou essa película com o seu espírito satírico, mas com um humor bastante pronunciado.

Este realizador anunciava, assim, na cidade das gôndolas, o que considerava como a característica principal para a nova temporada: a inclinação dos grandes realizadores franceses pelos *filmes* de fantasia. «Fantasia musical», foi como classificou Jean Renoir a sua obra «Eline et les hommes», película brilhante e completamente

livre, realizada num tom de «improptu», que constitui o principal encanto da arte actual do cineasta. Algumas cenas, como a do desfile, passam à antologia de Jean Renoir.

O mais dramático dos realizadores franceses, Marcel Carné, dá-nos também uma «divertida distração» com o seu *filme* «Le Pays d'ou je viens», que é uma espécie de conto de fadas, uma história contada com muita habilidade e encantadoramente concebida, e onde encontramos muitas coisas novas, principalmente nos aspectos sonoro e musical.

Gilbert Bécaud, seu intérprete e compositor musical, encantarà a todos os «fans» da Europa e do mundo inteiro, comprovando-nos o valor da nova orientação dada ao cinema francês, que é a da película cómica.

Notícias dos Cineclubes

■ *Cine-Clube Imagem* — Sessões deste mês: 92.^a, com «Há festa na aldeia», de Jacques Tati, 93.^a, com *filmes* de curta metragem, 94.^a, com «As férias do Sr. Hulot», de Tati, e 95.^a, sessão infantil.

Prosseguindo as sessões de Divulgação, este mês realizam-se espectáculos na Sociedade de Naturologia, na Academia de Amadores de Música, no Casa Pia Atlético Clube e na Companhia de Seguros Império.

■ *Cine-Clube de Setúbal* — Realizou a 8.^a sessão com «Balada de Berlim», de R. A. Stemm.

■ *Cine-Clube de Braga* — Na 37.^a sessão apresentou «Consciência em Paz», de Frank Borzage, e na 38.^a «As férias do Sr. Hulot».

■ *Cine-Clube de Santarém* — Exhibiu na 12.^a sessão «Um dia em Nova York», de Gene Kelly. De colaboração com a Associação Académica de Santarém realizou a 2.^a sessão infantil.

Decepções de um astro

«Para os meus filhos», — diz Burt Lancaster, «eu sou tudo menos um herói do cinema. Não conto para eles. Além disso, eles criticam tudo o que eu faço no *filme*».

Burt Lancaster, que é o grande Wyatt Earp na película da Paramount «Gunfight at the OK Corral», está esperando que esse papel de valente impressione bem os seus garotos. «Se não der resultado, estou liquidado na tela para eles», — desabafa ele. Burt tem quatro filhos, Jim, Bill, Susan e Joana, que não lhe dão a menor importância como astro cinematográfico. Shirley, a quinta e a mais novinha, provavelmente faria o mesmo, se já tivesse idade para ir ao cinema. Mas como conta pouco mais de um ano, até aqui Burt tem escapado à sua crítica. «O ideal dos meus filhos começa e acaba em super-homem. Tentei fazer-lhes ver que super-homem é o colega George Reeves, e que trabalhamos juntos em «Até à Eternidade». Disse-lhes que o conheço bem e que ele não tem nada de mais valente do que eu. A única resposta de todos foi esta: «Se o pai é amigo dele arranje uns retratos para nós, sim!» E depois dos retratos usaram a minha influência para obter um chapéu do super-homem, uma capa do super-homem... e creiam que só por isso é que tenho prestígio para eles».



DEBORAH KERR, uma das mais conceituadas artistas de hoje, recebendo, nos estúdios, a visita de sua encantadora filha francesa.

Caixinha das Surpresas

O Café favorito do escritor Ernest Hemingway em Cojimar, na ilha de Cuba, nunca mais voltará a ser o mesmo desde o dia em que foi devassado pela equipa que procedeu às *filmagens* de «O velho e o mar». Aquele Café, outrora sossegado e deserto, é agora invadido por legiões de cubanos e turistas, porque foi aqui que o famoso escritor ouviu as histórias

de pescadores que inspiraram o livro com que ganhou os prémios Nobel e Pulitzer, de Literatura.

Gina Lollobrigida e seu marido, o Dr. Milko Skofie, formaram a sua própria companhia produtora, Lollie Productions, e vão *filmar* a clássica obra de Alphonse Daudet, «Sappho», a sua película de estreia. A protagonista será, como não podia deixar de ser, Gina...

No telhado da casa de Ava Gardner, em Madrid, há um indicador de vento com a forma de uma feiticeira. Por esta razão, a sua residência é conhecida como «a casa da feiticeira».

O tema inspirantemente sublime do *filme* «Os Dez Mandamentos» é tão vivido por causa do seu elevado drama, como pelos valores humanos da sua história peculiar, em que o tema se faz sentir. De Mille, o famoso realizador, disse que a vida inteira de Moisés era o drama pessoal mais fascinante que jamais encontrara depois de «O Rei dos Reis». Falando somente como drama humano, a vida de Moisés em «Os Dez Mandamentos» é a mais estimulante história que explorara, quer da Bíblia, quer de qualquer outra parte. De Mille sempre afirmou que, de quaisquer cinquenta páginas da Bíblia, poder-se-ia fazer um grande *filme*. É especialmente verdadeiro em se referindo ao Livro do Êxodo — o capítulo da história de Moisés que relata o acontecimento dele ter sido encontrado num juncal, por uma filha do Faraó, criado como Príncipe do Egipto, tornando-se mais tarde um pastor de ovelhas fora de lei, e finalmente a Voz de Deus, recebendo os Dez Mandamentos no Monte Sinai.



SOPHIA LOREN, a provocante beleza italiana, numa sugestiva imagem do seu próximo filme, cuja acção decorre na lendária Grécia.



ELVIS PRESLEY, o rapaz do momento em Hollywood, onde o seu estilo de cantor se impõe perante assistências ávidas de novidades. Ei-lo perante a objectiva, junto da galante DEBRA PAGET, nas *filmagens* de «Love me tender».



ANN MILLER, a bailarina milionária, com o seu cachorro favorito. Um cão feliz...

José Teodósio da Silva

(Herdeiro)

Fábrica fundada em 1900 (em edificação própria)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos.

Rua Formosa 8 - Telef. 026204-9

MONTIJO

Página
de
Cinema

Deseja aos seus leitores Festas Felizes.